

# Para uma estética da maturidade: na dissonância dos sentidos o intervalo da criação-invenção<sup>1</sup>

## Towards an aesthetic of maturity: in the dissonance of the senses the interval of creation-invention

Margarete Axt<sup>2</sup>

*Submetido em 16 e aprovado em 26 de agosto de 2019.*

**Resumo:** Questionar um certo modo de recortar a realidade sempre produz um nó problemático: aqui, isso significa problematizar a operação que separa o diferente e aglutina o idêntico, confinando-os em espaços exclusivos (escolas, asilos) sem comunicação entre si: uma problematização que nos conduz a modos de pensar o contemporâneo, em sua face mais complexa, convocando-nos a provocar a multiplicidade, a heterogeneidade, a diferença... e a perguntar - no que tange ao envelhecimento, em meio a um *socius* que cultua a juventude e os seus valores - como ir ao encontro de uma cosmovisão que inclua o idoso, como ir ao encontro de uma estética da maturidade? Considerando autores como H. Bergson, M. Bakhtin, S. Beauvoir e S. Pinker, dentre outros, enceta-se reflexão centrada nas condições de produção dos processos criativos-inventivos, que habitam o tempo intensivo, como modo de existência. A conclusão encaminha à tomada de posição de que a criação-invenção instala-se sempre nesse ponto crítico de inadequação, de dissonância, de tensão, de intensidade perturbadora da consciência em sua duração, lá onde as linhas do real e do virtual se cruzam, produzindo um entre-tempos, com potência para abrir uma brecha nesse tempo de futuro previamente planejado, pedindo passagem para o devir (potencialmente em aberto), para o infinito do futuro (em suas multiplicidades de sentido), numa ode aos encontros com o inusitado e a diferença, às alegrias da plenitude de ser-em-processo nas relações dialógicas, às possibilidades enriquecedoras engendradas pela intuição empática e a contemplação estética.

**Palavras-chave:** intuição; ética-estética; criação-invenção; envelhecimento;

**Abstract:** Questioning a certain way of cutting out reality always produces a problematic knot: here, this means problematizing the operation that separates the different and brings together the identical, confining them into exclusive spaces (schools, nursing homes) without communication with each other: a problematization that leads to ways of thinking the contemporary in its most complex face, calling us to provoke multiplicity, heterogeneity, difference ... and to ask - with regard to aging, in the midst of a *socius* that worships youth and its values - how to meet a worldview that includes the elderly, how to meet an aesthetic of maturity? Considering authors such as H. Bergson, M. Bakhtin, S. Beauvoir and S. Pinker, among others, reflection is centered on the conditions of production of creative-inventive processes, which inhabit intensive time, as a mode of existence. The conclusion leads to the position that invention-creation always installs itself at this critical point of inadequacy, dissonance, tension, disturbing intensity of consciousness in

its duration, where the lines of the real and the virtual intersect, producing an inter-time, with the power to open a breach in this previously planned future time, asking for passage to the future potentially open, to the infinite of the future (in its multiplicity of meaning), in an ode to encounters with the unusual and the difference, the joys of the fullness of being-in-process in dialogic relations, the enriching possibilities engendered by empathic intuition and aesthetic contemplation.

**Keywords:** intuition; ethics-aesthetics; creation-invention; aging.

O tempo colocado em sincronia, exposto em confinamento, disciplinado, eis uma das marcas de nosso tempo recente, um *Zeitgeist* que inventou a ciência moderna, produziu as disciplinas científicas e seus limites fechados, disciplinou o *socius* e com ele os seus movimentos, fixou os instituídos, as instituições, os seus indivíduos-sujeitos.

A ‘disciplina’ produziu uma época, um regime de ver-dizer: palavra oriunda do latim, que combina os sentidos separar (*dis*) e captar (*cipere/capere*), acabou por moldar uma imagem de pensamento para a modernidade: separar ou confinar, para compreender ou dominar. O regime disciplinar tem como técnica principal o confinamento (por categorias e subcategorias, sociais ou epistemológicas), desde a prisão, a caserna, a fábrica, até os asilos ou as casas de repouso, o hospital, a escola seriada, ou os domínios do saber científico.<sup>3</sup>

Separar, fechar em sistemas, confinar dentro de limites: pode-se pensar, a partir desse sentido etimológico, que um modo de se apropriar da realidade, antes talvez eventual, se generaliza e se institucionaliza, um modo de se relacionar com o mundo, com o outro! um modo de subjetivação se produz, acabando por constituir um *ethos*, uma morada, para o pensamento e a construção do conhecimento científico, tanto quanto para uma estética do *socius*, formatando, por extensão, modos sociais competitivos e individualistas de produção, de consumo e de convivência.

Uma imagem de pensamento que orienta nosso tempo, nosso *Zeitgeist*. É assim que a vida se especializou em períodos ou faixas etárias, as profissões se especializaram, as ciências se especializaram em áreas e campos do conhecimento. Na saúde, a medicina e campos afins perseguiram especialidades: a pediatria, a ginecologia, a neurologia, a

psiquiatria, a fisioterapia, a geriatria, a gerontologia, estando em desuso o clínico geral, o médico ou o terapeuta de família; no campo educacional, sobrevieram as séries e os professores especialistas: a educação infantil, os anos iniciais e os anos finais do ensino fundamental, e ainda, o ensino médio, a educação de jovens, a educação de adultos, estando em desuso, ou muito delimitado, o professor polivalente e salas de aula multisseriadas. Mesmo a educação permanente, ou educação continuada, não chega a extrapolar os limites do profissional em serviço para dar-se ao luxo de pensar uma ‘formação continuada na duração da vida’, aí incluindo os inativos ou aposentados.

Na prática, a educação aprendeu a se identificar com o estudo individual e com a escolaridade, esta estando delimitada a determinadas faixas etárias e curriculares. Crianças e jovens aprenderam a permanecer, boa parte de seu tempo, confinados em escolas, separados por idade (ou mesmo por ‘capacidades’ de aprendizagem!), de acordo com determinada grade curricular distribuída e repetida no espaço das salas de aulas, ao longo do tempo... assim, a escola se especializou, a universidade se especializou, os professores se especializaram cada qual em disciplinas do conhecimento. Na cultura, a invenção da infância, da juventude, da terceira idade, agora também da última idade, do gênero e do transgênero, dos grupos de vulnerabilidade social... deixa para trás, definitivamente, na poeira dos séculos, uma imagem medieva de pensamento, cada segmento ou categoria tendo que, solitariamente, inventar ou reinventar seu estatuto de visibilidade e lutar por sua carta de direitos, sua instituição, em específico...

Tomemos como exemplo os processos de envelhecimento, a respeito dos quais há já uma preocupação contemporânea de convergência entre várias áreas/disciplinas, no sentido de investir em propostas mais globais de atendimento a essa faixa etária<sup>4</sup>. Mas mesmo quando se trata de pensar interdisciplinarmente no limite da vida que envelhece - aliando saúde-educação-cultura e políticas públicas - e conquanto estimulada, esta relação de interdisciplinaridade ainda é recente: velhice (do corpo) - mas também maturidade (do espírito) – continuam sendo preferencialmente uma questão de saúde... e a saúde, que vem aprendendo a se associar (aos poucos) a outras disciplinas ou campos profissionais, também aprende a propor: manter-se saudável física e mentalmente, manter-se no trabalho profissional enquanto for possível, ou, então, simplesmente, manter-se ativo, envolver-se com atividades, como pilar para a saúde.

Embora esse esforço despendido, na atualidade, ainda não se chegou a produzir um efetivo deslocamento na imagem moderna de pensamento! Pois, enquanto a maturidade (do espírito) aprendeu em parte a ser empurrada a um tempo-espaço que reúne, por designação, uma ‘terceira ou melhor idade’ – por vezes paradoxalmente ainda sintonizada com a juventude, em que pese seu real confinamento -, a velhice (do corpo) aprendeu em parte a ser disciplinada no que agora se denomina de última idade: e então excluída (quando as diferenças se impõem) no espaço-tempo das casas geriátricas, dos asilos, dos lares de repouso, o que pode, hoje, chegar a vinte ou até trinta anos. Como escapar a essa polarização? Assim como há aqueles que aos 50 ou aos 60 anos têm dificuldades enormes para se deslocarem, caminharem, correrem, há os oitentões ou até centenários desportistas maratonistas, nadadores<sup>5</sup> etc., que quebram recordes na sua faixa etária e ganham medalhas! O mesmo se pode dizer dos personagens na política, nas artes, na academia, como nos faz ver a filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir (1990) em sua belíssima obra – importante referência no tema - sobre *A velhice*<sup>6</sup>.

Não podemos deixar de registrar a análise do historiador brasileiro Gunter Axt (2013), sobre *As identidades da velhice*. Um dos destaques refere à questão da contracultura: um movimento da juventude inscrito em meio às consequências de duas grandes guerras, na primeira metade do século XX; e gestado em meio aos sucessivos fracassos dos modos de existência herdados dos séculos anteriores, ditados pelo estrito conservadorismo e pela tradição; tais, quero crer, elevavam ao patamar de atributos desejáveis, o respeito hierárquico unilateral e opressor, a seriedade sem tamanho em que o riso era mal visto e o vestuário de extrema sisudez, incluindo jovens e crianças. Eu diria que o conceito de *socius* concernia, antes de tudo, à categoria do adulto sério e sisudo.

Pois a contracultura espalhou-se pelo mundo, acalentando ideias revolucionárias das jovens gerações do período pós-guerras, ideias sustentadas em valores de paz, amor e liberdade, como igualdade de direitos, direito à voz e ao próprio corpo; tais ideias cresceram, tendo um primeiro ápice no final da década de 1960, extravasando em episódios como o das barricadas em Paris (1968) e do Festival de Woodstock nos Estados Unidos (1969)<sup>7</sup>. Na esteira de Edgar Morin (2010), que aponta para este processo como de “autonomização da adolescência”, Axt (2013) considera que o mesmo não somente

creceu, mas também se generalizou, insinuando-se aos demais segmentos sociais, passando a ditar um outro *ethos*, o qual, ao privilegiar valores típicos da juventude, acabou por estabelecê-los como referenciais de comportamento para toda a sociedade, produzindo, ao mesmo tempo, uma nova cosmovisão, i.e. uma estética.

Contudo, o que não me é claro é o quanto tal transformação do *socius*, instalando no imaginário coletivo uma estética da juventude, se faz (ou deixa de se fazer) acompanhar da superação dos preconceitos em relação ao envelhecimento. Ou seria essa apenas outra versão do imperativo ainda vigente ‘mantenha-se jovem, proibido envelhecer’ (tão silencioso quanto perverso!), elaborando artifícios sofisticados e sutis de exclusão em igual medida com que ambiciona abarcar o coletivo em uma só e mesma categoria?! Esse desassossego corre ao encontro do que pondera Axt (id.,ib.), ainda uma vez, de que, se de um lado, os velhos estão vivendo mais e melhor, de outro lado parecemos ainda muito distantes de uma “estética da maturidade”.

Haveria, então, outras dimensões a explorar? Entre: uma ‘estética da sisudez conservadora’ (ou de uma ‘adultez sisuda’, ainda muito presente em diferentes culturas) e uma estética da juventude (que cultua o vestuário *teen*, o frescor da face sem rugas, a magreza e o colorido do perfil de verão, ou a curtidão das baladas do momento), como ir ao encontro de uma estética da maturidade? Eis minha questão de fundo.

Embora não seja o meu foco, não se pode minimizar o fato de que esse modo disciplinar se apresenta também capitalístico, seja pelos lucros econômicos advindos do divisionismo das ações de determinada atividade no trabalho (a título de aumento da produtividade), caracterizando as produções em série plantadas nos confinamentos das fábricas; seja pelas demandas massificantes de cunho universalizante, que ativam os mercados ao ampliar determinada categoria até os seus limites extremos de ‘inclusão’; seja pela reserva de territórios ou nichos, diversificando o número de categorias que podem ser geradas, o que não deixa de também convergir para a ampliação de mercado e a concentração de lucros.

Então, esse modo de se constituir, que a época histórica da modernidade inventou - modo de produção já naturalizado, que impõe a sua marca, criando nichos diversificados com a mesma facilidade com que os universaliza -, acarreta, sem dúvida, inumeráveis

desafios, em se tratando de tentar desviar, pelo menos em alguns aspectos, desta imagem de pensamento: imagem que, como disse, não se cansa de, ao mesmo tempo, gestar valores homogeneizantes paradoxalmente ancorados em concepções divisionistas silenciosas (expondo preconceitos), ou de confinar e isolar diferentes grupos em nichos próprios a cada um, dificultando a intercomunicação intergeracional e interdisciplinar.

Como não pode deixar de ser, desfilam e relevam ante nossos olhos infindas vantagens e progressos para esse modo de viver, em que pese a contemplação, também, de outras tantas mazelas deste nosso tempo. No que concerne à educação e à saúde, em especial, não parece ser diferente! Estar entre iguais tem suas vantagens: produção de rotinas e hábitos estruturantes, interesses de classe, tempos e ritmos em sintonia, identificação rápida de sintomas de saúde ou de aprendizagem, de acordo com o perfil etário; e ainda, políticas públicas relativamente recentes que dão visibilidade e garantias a cada faixa etária em si mesma. Por outro lado, cabe aqui lembrar mais uma vez Morin (2010), que alerta, dentre as mazelas, para este sintoma da modernidade que ele denomina de “perda de futuro”. O autor atribui o mesmo ao fato de que o mundo começou a descobrir, aí pelos anos de 1970 e 1980, que o progresso contínuo da humanidade, como se fora uma “lei histórica”, não é certo: não é certo que o dia de amanhã será melhor que o de hoje. Instala-se uma “crise de futuro” quando se perde a esperança, o que provoca angústias diversas, seguidas de um “recolhimento no presente”, cujo mantra é “viver um dia de cada vez”, ou seja: não se pensa mais em futuro! E - pergunta o autor - se o presente é ruim o que sobra?

Contudo... e se nos fosse dado problematizar este modo de estar na existência, esta imagem de pensamento, em específico naquilo que diz respeito ao envelhecimento?...

Como nota Beauvoir (1990), hábitos e automatismos do cotidiano [em especial se apenas se vive um dia de cada vez] também podem ser extremamente empobrecedores, levando à perda da curiosidade e à estagnação mental ante a mesmice que se instala em certos ambientes homogêneos e sem novidades; e, em especial com relação à velhice, o confinamento etário pode levar à perda de sentido do viver ante um isolamento que exila as possibilidades de intercomunicação com o diferente, de convivência com a diversidade, de manifestação de esperança no encontro com o novo... a autora aponta para a liberdade

e a lucidez como valores que a maturidade pode trazer, quando na forte dependência de projetos criativos, abertos à complexidade e capazes de alargar os horizontes de ser e viver, oportunizando experiências de produção de sentido que fazem escapar ao tédio e à decadência intelectual.

E a pesquisadora canadense em psicologia do desenvolvimento, Susan Pinker (2017), voltada, entre outros tópicos, à questão da longevidade lúcida, conta, em sua investigação sobre mulheres, que as que possuíam redes sociais presenciais mais complexas e completas tinham menos demência, valendo o mesmo para os homens. E comenta - sobre seu relatório *The Village effect* publicado em 2014, a respeito de uma comunidade de longevos na Sardenha (Itália) - a importância das relações de amizade entre vizinhos e familiares para uma vida plena. Segundo a autora, hábitos saudáveis ou uma alimentação regulada ainda não garantem a saúde de um indivíduo. Precisamos fortemente de vínculos sociais próximos e interação face a face constante com nossos amigos e famílias para prosperar e – até – para sobreviver.

Como num diálogo em harmonia, Beauvoir (1990, pp. 579-82) converge para essa tese e antecipa em mais de 40 anos, que o “equilíbrio afetivo” do idoso está na dependência, em especial, das relações com os filhos (que são de caráter intergeracional, por isso apresentando diversidade na convivência); mas, além disso, mesmo “fora de qualquer ligação familiar, a amizade dos jovens é preciosa para as pessoas idosas”, ressuscitando-lhes o espírito jovem, transportando-as para o “infinito do futuro”, o que consiste, assim, “na melhor defesa contra a melancolia que ameaça a idade avançada”. A autora arremata que “infelizmente, tais relações são raras, uma vez que jovens e velhos pertencem a dois mundos entre os quais há pouca comunicação”.

O conceito “infinito do futuro” de que nos fala Beauvoir (1990), me remete ao conceito de devir bergsoniano, de um presente para sempre inacabado, adentrando um futuro não previsível, aberto à novidade, ao inusitado, estendendo-se em possibilidades de realização para um espírito ativo e curioso, mesmo que o corpo não possa acompanhá-lo à altura.

Essa compreensão de infinito de futuro, ou de futuro como devir, que antagoniza com a noção de perda de futuro, tendo a considerar que esteja numa relação de implicação com o que pode ser compreendido como o vivenciamento do processo criador do

pensamento, prolongando o que a autora (id.,ib.) chama de uma “experiência ontológica”, portanto remetendo a um tempo sempre em processo de ser, na busca de atualizar perspectivas singulares para um espírito inquieto. Essa experiência ontológica diante da vida, “a partir da qual se constitui uma visão de mundo”, “tanto pode se dar na juventude quanto na maturidade”, como bem enfatiza ainda Beauvoir (id.ib. pp. 487-8); e aproxima, como ela própria (id.ib.) diz, o viver e o pensar das possibilidades da intuição filosófica bergsoniana, cuja tarefa, comprometida com “nada menos do que apreender as relações do homem, enquanto sujeito, com a totalidade do mundo”, poderá se tornar, ao longo do tempo, em um “programa inesgotável” de novos sentidos perseguindo a plenitude do viver, sentir, pensar, conviver....

Tem-se até aqui, como elementos para pensar a vida na maturidade/velhice: a importância da relação afetiva e comunicacional entre heterogêneos, formando redes sociais complexas de convivência; a aposta na potência criadora, aberta à complexidade, ao infinito de futuro e ao alargamento de horizontes de ser e viver; e o prolongamento da experiência ontológica, devindo processos subjetivos de singularização. Poderia ser este o fio a tecer uma estética da maturidade?

Dois autores, em diálogo, nos serão caros nessa reflexão. O filósofo russo da linguagem Mikhail Bakhtin e o filósofo francês Henry Bergson. Do primeiro, quero extrair em especial os conceitos de arquitetura dialógica, de alteridade e de ética/estética. Do segundo, interessam-me principalmente os conceitos de intuição filosófica, de heterogeneidade, movimento e duração.

### **Um encontro com os movimentos da consciência**

Questionar um certo modo de recortar a realidade sempre produz um nó problemático: para nós, aqui, isso significa problematizar a operação que separa o diferente e aglutina o idêntico, confina e isola o mesmo em si; uma problematização que nos conduz a modos de pensar o contemporâneo, em sua face mais complexa, convocando-nos a provocar a multiplicidade, a heterogeneidade, a diferença.

Reunir idênticos, como prioridade, confinando-os em espaços exclusivos (escolas, asilos), sem comunicação entre si, não produz um tão esperado movimento, uma



tanta aceleração, ao contrário, parece antes fonte de calma, de equilíbrio que tende ao imóvel: é o mesmo, em sua imobilidade, que, sempre e de novo, volta sua face ao idêntico, alienando o diferente e o diverso, deixando à mostra sua íntima e dura verdade carregada de tonalidades segregantes com tendências às fobias sociais e às violências de todos os matizes.

É na abertura à alteridade, a qual engendra a dissonância ou o que soa outro, que encontraremos a potência à disparação - ao que dispara ou faz disparar, incitando ao movimento... faz disparar o quê? e como?

Em seu comentário à obra *A intuição filosófica* publicada originalmente em 1911 por Henry Bergson, a pesquisadora e tradutora portuguesa Maria do Céu P. Neves (1994, p.35, nota 34) destaca que, para aquele autor, ausência de heterogeneidade equivale a homogeneidade e, por consequência, a ausência de movimento: “só a heterogeneidade pode alimentar o fluir do contínuo devir”, terá dito o autor comentado.

Habitar a ordem do dispar seria, então, habitar a ordem do que difere, a ordem do *alter*, seria acolher este “outro-para-mim”<sup>8</sup> e acelerar em direção ao território do outro, sempre de algum modo desconhecido ou estrangeiro, seria manter-se em modo dinâmico e oscilando entre dissimilares; seria, afinal, também flertar com o seu próprio passado, quando se era desde sempre outro, assim como com o seu próprio devir-em-se-tornando isso...e aquilo...e aqueloutro..., deixando aflorar este outro-em-mim estrangeiro, sem que se possa, efetiva e definitivamente, tornar em uma identidade homogênea e cristalizada.

O que sempre está em movimento, na duração do tempo, assim como as chamas do fogo, sempre estará derivando em diferença, ‘outrando’ em criação-invenção. Pois diferir nada mais é do que descolar-se do que assim já era, para ser o que ainda não era, a vida criando ou resgatando formas diversas, o ser-em-processo-de-ser inventando ou convocando o próprio ser de modo inusitado, enquanto se constitui e se reconhece como alteridade na própria relação com a alteridade: é de se considerar, lembrando o filósofo austríaco Martin Buber (2001), que não há, nem um tu se não houver um eu, nem um eu se não houver um tu, i.e. se não houver outro que ao um se contraponha.

Em outras palavras, será a alteridade enquanto manifestação de uma diferença - seja na relação com um outro exterior ou com o próprio interior como outro-em-mim

sempre desconhecido em alguma medida -, que viabiliza, à consciência, uma tomada de posição do próprio existir de um eu.

Bergson (1964), na obra *A evolução criadora* publicada originalmente em 1907, que lhe mereceu o prêmio Nobel em 1928, afirma que o ser vivo é um centro de ação, configurando, justamente por isso, um ser que introduz, segundo a espécie a que pertence e que o determina, certa soma de contingência no mundo; tal gera inusitados da ordem do imprevisível, a partir de uma certa quantidade de ação virtual possível não especificada de antemão.

O que chama a atenção no autor é sua tese, segundo a qual, a condição de consciência de cada ser se encontra numa relação de correspondência direta com a largura do campo que tem disponível para a ação e suas virtualidades, remetendo à “quantidade” de ação “opcional” facultada: um opcional é um virtual<sup>9</sup>, precisando ainda ser criado-inventado, portanto um opcional incriado, que existe apenas enquanto virtual. Em outras palavras, um virtual é em potência, sendo passível de atualização e vindo a existir por meio de uma criação-invenção, mas ainda sem existência, ainda não realizado em ação (da imaginação, do pensamento, do corpo, da inteligência, da intuição). Para o autor (id.ib.), seres vivos, com um campo de ação muito estreito, têm pouca opção criativo-inventiva, dificultando as condições de manifestação da consciência: consciência de si no mundo, assim como consciência de que tem consciência.

Bergson (1964, p. 259) considera que a consciência “é sinônimo de invenção e liberdade”. Nessa concepção, a consciência sempre é aquela dimensão “coextensiva à margem de ação possível [i.e. virtual] que rodeia a ação real [...] porque a consciência corresponde exatamente à capacidade de escolha de que dispõe o ser vivo [assim como] a quantidade de escolha de que o indivíduo dispõe”.

Mas como se produz este espectro de ação virtual, de possibilidade criativo-inventiva? Diria que invenção, cujo verbo tem origem na palavra latina *invenire* (que se pode entender como *o que vem por dentro*, do interior; mas também *o que advém sobre, ou sobrevém, o que vem para dentro*, do espaço exterior), pode ser pensada como aquilo que, sendo da ordem da potência creacional (interior) do ser, sobe à superfície da ação (exterior), para compor, num encontro inaugural com a matéria (que advém em suas

formas e funções, do exterior), algo outro, algo da ordem do, até então, não pensado, não acionado pelo ser, uma outra forma, uma outra função<sup>10</sup>.

Nesse âmbito, uma característica da consciência é que ela surgiria justamente onde a efetivação da ação (habitual, naturalizada, automatizada) é impedida ou dificultada por algum obstáculo, o que provocaria no ser da ação uma “hesitação”, demandando uma “escolha”, uma decisão, que se atualiza no processo de o quê e como fazer. Não que o obstáculo tivesse criado algo de positivo, diz Bergson (1964), na verdade teria aberto a um “vazio” maior ou menor – um vazio de rotina (de ação, de estratégia, de roteiro, de pensamento). Porém, seria justamente esta inadequação do automatismo a uma “representação plena”<sup>11</sup> da situação experiencial num certo domínio – situação incômoda e perturbadora, que não comporta os meios usuais para a realização da ação (a qual fica em aberto) - que geraria a consciência.

A consciência é, no universo conceitual bergsoniano, um efeito da atividade virtual de criação-invenção de caminhos possíveis para realização da ação que dará conta de determinada situação fora do *script*, implicando escolhas, decisões e meios estratégicos inusitados em meio a um momento de vazio – justamente o que, por sua vez, produz um alargamento do campo da consciência, gerando condições para um ciclo virtuoso contínuo.

Bergson (1964), ao se referir à condição de inadequação [ou de um abismo gerador de vazio] entre ação e representação como propulsora da consciência, também traz para o primeiro plano, num momento inicial, o movimento da inteligência: para o autor, no homem, a consciência tem sido, sobretudo, inteligência. Esta diz respeito à representação do mundo e à sua ação sobre ele, visando mormente a eficiência, a eficácia, a utilidade, uma tendência que deu origem, em nossa sociedade humana de hoje, ao que designamos por ciência e tecnociência: essas, em que pese o seu valor inventivo-criativo à saída, resolvendo algum impasse da consciência quanto à ação, ao darem corpo aos processos metódicos e normativos de verificação e de veridicção que se seguem à pesquisa exploratória, acabam por expandir a sua capacidade de extrair da ação o que se repete, o que é regular, com isso tornando a ação previsível, bem como aos resultados a serem obtidos no encontro dessa ação com a matéria mundana. É então a partir do entendimento dos movimentos previsíveis da repetição, em pequenos domínios (confinados, poderíamos

dizer), os quais vão se alargando gradativamente, que é dado poder de agir mais e mais sobre o espaço e a matéria, submetendo-a, e fazendo surgir a todo o momento novos produtos. De acordo com Bergson (1994:61) “a regra da ciência é a que foi afirmada por Bacon: obedecer [às regras] para comandar [a matéria]”.

Em suma, a inteligência (como tendência importante da consciência), ao se inventar como dispositivo de adaptação vital dos seres, no encontro com o mundo, cria-inventa também ela processos próprios: esses se inscrevem em formas (como a cognição e a lógica que a sustenta), adquirindo certa estabilidade, e cujos efeitos são o poder crescente sobre a matéria, por sua vez dando origem à criação-invenção de múltiplos produtos. Mas em circulando em torno dessas criações-invenções da ciência e da tecnociência, a inteligência cognitiva acaba por definir padrões confiáveis a serem repetidos, produzindo como efeito colateral a repetição do mesmo, e, por extensão, a previsibilidade automatizada que permite estabelecer metas programando o futuro, cumprir etapas em função das metas, produzir em série.

Bergson (1994; 2006) defende a tese de que, tendo a consciência humana investido maciçamente na inteligência, é como se tivesse esgotado o melhor de sua força na conquista da matéria e na reconquista de si mesma, pouco restando para uma outra tendência complementar da consciência, tão importante para a humanidade, quanto a inteligência: trata-se da intuição, que marcha numa direção oposta à da inteligência, esta estando regulada sobre o movimento da matéria, enquanto aquela voltar-se-ia ao espírito.

### **O encontro com a intuição**

Do ponto de vista da consciência bergsoniana, ciência e filosofia não se recobrem, andam em direções contrárias e divergentes do pensamento, muito embora sejam sempre complementares. Neves (1994, notas 66; 68) observa que ambas se encontram e se comunicam na experiência de que partem, completando-se no esforço de aproximação à realidade. Como registra Bergson (1994:57), “nos dois casos, a experiência significa consciência; mas, no primeiro, a consciência desabrocha por fora, e exterioriza-se em relação a ela mesma, na medida exata em que vê coisas exteriores umas às outras; no segundo, ela volta para si, reassume-se e aprofunda-se”.

Neves (id.ib.) ainda destaca que, na experiência de realidade, tal como proposta por Bergson, esta se oferece sob duas formas distintas, o tempo e o espaço, derivando em dois modos de conhecimento, portanto, também distintos.

De um lado, a ciência e a tecnociência correspondem ao espaço (à extensão da matéria mundana, que pode ser dividida e homogeneizada<sup>12</sup>), estando, portanto, atentas à matéria, sobre a qual agem: compactam simultaneidades e justaposições (paradas, fixas), o que obtêm, excluindo o movimento do ser-em-processo no tempo contínuo que dura; neste percurso consolidado pelo método científico, guiam-se principalmente pela inteligência que procede por análise, numa interpretação indireta e setorizada (dividida em setores).

Já a filosofia, na ótica bergsoniana, se moveria no tempo, o tempo intensivo da consciência que flui, ou seja, o tempo da duração concreta da vida psíquica: essa filosofia se debruça sobre o espírito, detendo-se sobre a heterogeneidade subjetiva singular, portanto sobre o que difere em cada consciência – sempre única –, procedendo por “empatia” ou “simpatia” (ou então “empatia simpática”) à aproximação do outro (ou mesmo da matéria), i.e. por apreensão imediata, direta e unitiva; ou seja, guia-se pela intuição, almejando ao absoluto da perspectiva alteritária (seja esta uma consciência ou o real da matéria).

Nessa segunda vertente, lembra Bergson (1964:264), a intuição, ao voltar-se para o espírito, estaria marchando no sentido da própria potência vital e, no caso da nossa espécie, extraindo e imprimindo na estrutura mental o que de mais característico tem a vida em seu processo de ser: a contingência, o desvio, o imprevisível que inaugura e desenvolve e, ao mesmo tempo, distingue e caracteriza (cada) consciência. A intuição estaria, desde sempre, presente na consciência (apta a lidar com essa componente), mas é “todavia uma luz quase apagada, que somente de quando em quando se reaviva [...] quando está em causa um interesse vital”.

A intuição bergsoniana não nos diz apenas de um regresso da consciência sobre si mesma, de uma dobra do corpo na qual se assenta em direção ao espírito-pensamento, em momentos de interesse vital; diz-nos também daquilo que trata de uma coincidência da consciência humana com o princípio vivo e criador de onde emana. Em outras palavras, a

consciência, que nasce como efeito de uma criação-invenção a partir de uma inadequação, tem como exigência constante retomar o contato com esse esforço inventivo e criador da própria vida, deixando-se afetar pelo intensivo, num esforço de simpatia para sentir-escutar o próprio pensamento, assim como o do outro, forçar-adentrar as fronteiras do desconhecido e do inédito, seja “do outro-em-mim” ou do “outro-para-mim”, resistindo-ousando nos limites viscerais do inusitado até então impensado.

A intuição (que traz, de seu tecido latino, vestígios de sentido lembrando *o que contempla, o que olha para, o que guarda*) se inscreveria no tempo intensivo (e não no espaço) como processo criativo-inventivo, sempre em devir, vindo por dentro (um passado inteiro que adentra o presente, no dizer de Bergson (1964)), para encontrar-se com o que está fora, com o que é outro, desconhecido (o futuro, o devir).

Em outras palavras, o ser-em-processo - ao produzir um plano de virtualidades, no qual o real (da ordem do impossível de ser captado em estado bruto) possa ser inserido, assim gerando perspectivas de realidade - cria-inventa, para si, possibilidades tácitas de escolhas. Tais escolhas, cuja raiz é a hesitação, na medida em que são únicas, levam a processos de singularização constitutivos de subjetividade, que incrustam, no tempo intensivo, o sentido cósmico da vida...

Mas esta consciência, que é uma *exigência de criação* [sic], só se manifesta a si mesma ali onde a criação é possível. Quando a vida está condenada ao automatismo, adormece; desperta logo que renasce a possibilidade de uma escolha (BERGSON, 1964:258).

A criação bergsoniana, atualizada numa hesitação-escolha, manifestar-se-ia num “entre-tempos” – quântico, se pensado do ponto de vista cronológico -, mas com robusta potência intensiva quando considerado na ótica da duração do tempo, da emoção que dura através do tempo. O entre-tempos vem a ser um conceito estreado por Deleuze e Guattari (1997) para caracterizar esse intervalo bergsoniano do tempo intensivo, como aquilo que não se apaga da lembrança e continua produzindo seus efeitos no presente, nele interferindo - verdadeiro acontecimento do sentido: por exemplo, uma sensação de medo, de decepção ou de não-saber, que se repete, ou uma sensação de alegria que emerge de uma criação-invenção ou de uma comunhão com o outro, e retorna sempre de novo.

É nesse intervalo que pode ser gerada uma hesitação (um diminuto vazio) seguida de escolha, enquanto atravessada por intensidades que o inundam. Pois, se é nesse intervalo que se produz um vazio de processos automatizados da ação - fruto da inadequação entre a representação bergsoniana e a ação -, também é esse intervalo – fruto do encontro com o diferente, o heterogêneo, o outro, geradores da inadequação - que se acha preñado de intensidades de toda ordem que se estendem na duração do tempo durando: intensidades advindas desse embate entre a ocorrência de uma hesitação ou das incertezas de não saber como proceder frente a uma inadequação até a produção de uma escolha e a alegria de criar-inventar uma possibilidade habitada por uma multiplicidade de sentidos.

### **Encontro com uma estética da maturidade**

Se condições de inadequação entre ação e representação abrem a consciência do ser a um vazio; e este vazio abre, por sua vez, aos movimentos, tanto da inteligência, quanto da intuição-contemplação; pode-se, por extensão, considerar que o que muda, entre um e outro, é o ‘modo de relação’ com este vazio. Esse modo de relação assumiria orientação contrária, na dependência do que o orienta: se a intuição (filosófica), disposta ao acolhimento empático e à reassunção do ser; ou a inteligência planificadora, metódica da ação, cujos propósitos são de natureza diferente. Precisamos desses dois movimentos tensionados entre si, como num equilíbrio dinâmico. Um complementa o outro. Aliás, como conclui Bergson (1994), se a inteligência pode desmerecer e passar sem a intuição, esta não dispensa a passagem pela inteligência, uma vez que, para expressar-se, todo pensamento, incluindo o que emerge pela intuição, não se comunicará a não ser pela inteligência conceitual.

Se tivermos em conta que esse vazio, no fluir da consciência no tempo da duração, se apresenta em relação ao que ainda não é, tem-se em mente que o que está em jogo é ainda por vir, é futuro e o modo como nos relacionamos com ele. Ora, isso interessa a todos, mas especialmente à maturidade e à velhice.

Nesse intervalo entre dois instantes - em que ação e representação da realidade em fluxo, na consciência em movimento, entram em dissonância, em estado de inadequação, produzindo, nesse cruzamento entre ambas, uma (diminuta) hesitação acompanhada de

um vazio (quântico) -, tem-se pelo menos quatro opções de escolha (que podem, mesmo, combinar-se entre si) para sair de eventual impasse de futuro: (1) manter a inteligência (tecno)científica no comando da ação útil projetando o futuro de sentido; (2) deixar-se levar pela intuição no fluir do tempo em devir, exercitando os movimentos de interiorização da consciência na busca filosófica do espírito de si; (3) dedicar-se às relações dialógicas na convivência com o outro, estabelecendo, pela empatia, redes éticas complexas entre diferentes; (4) alçar-se à contemplação estética na busca da plenitude artística e vital da criação-invenção.

1. Podemos nos comportar em referência ao que ainda não é, como aquilo que necessita ser antecipado e estimado, mapeado e esquadrinhado, para que possa ser planejado, programado. Bakhtin (2003) chama a este futuro de “futuro do sentido”, aquilo que, por antecipação e antes de ser, já se encontra completo, pelo império do sentido que também controla o presente, através das artimanhas da inteligência (e da lógica cognitiva). Responde a esse modo de ser a dimensão do eu-para-mim em uma de suas variações: um eu-para-mim que, ao mergulhar em sua interioridade, o faz para exteriorizar-se em ações as quais, no processo de viver no mundo concreto, possam fazer frente ao caos de um por vir, em si desconhecido e desorganizado. Para tal, traz-se ao primeiro plano uma programação completa desse futuro – um futuro do sentido, o qual designa esta visão de porvir, o qual se faz invariavelmente acompanhar da responsabilidade do dever-ser, da ansiedade do cumprimento de metas de desempenho e das pautas e grades de conteúdo, dos cronogramas e estratégias de otimização... Enfim, um vazio que não chega a se apresentar, pois já de antemão totalmente preenchido por rotinas e automatismos e deveres previamente definidos: portanto não mais vazio, sem lugar para surpresas. Nessa variação do eu-para-mim, não há trégua para o eu, sempre em falta com a idealidade do sentido abstrato na projeção do que ainda não é: no mundo ético e político das relações cotidianas não há perdão para o eu, tomado que está pelo compromisso de dever-ser do futuro de sentido! Muito embora, no que concerne ao outro, na medida em que haja a legitimação da alteridade pelo eu, esta o possa guiar ao encontro do acolhimento empático-simpático e amoroso, ao encontro da compreensão da perspectiva alheia de universo e de horizonte.



Bergson (2006) endossa esse ponto de vista, ao considerar que entre as duas tendências da consciência (inteligência e intuição) definidoras de dois modos de relação com o vazio, só privilegiamos, quase sempre, a relação posta pela inteligência, esquecendo-nos de garantir também o modo mais intuitivo de relação com o vazio. Em sua visão, tendemos sempre a considerar o vazio (o que ainda não é) como o que falta... em relação a uma expectativa do “pleno”; assim como só consideramos a “desordem” na relação imediata com a crença de um estado originário de “ordem”. Para o autor, no domínio da ação prática essa maneira de pensar é perfeitamente admissível, uma vez que tais expectativas e crenças exprimem-se em virtude do que (no dia-a-dia) se pretende obter, do que se tem em mente, ou, como diríamos, do que se prefigura útil na realidade do cotidiano. Já a intuição se movimenta no sentido inverso, do acolhimento empático-simpático, ou amoroso, do que aí ainda não é, mas irá se apresentar.

Esta distinção talvez seja, ou possa ser, uma questão importante para os processos de envelhecimento: a nossa cultura prefigura uma imagem de pensamento em relação à velhice que é da ordem da ‘falta’, de uma falta generalizada na comparação com a juventude. Faltam/faltarão, efetivamente, efetivamente, o vigor, a saúde, a beleza, a atividade trepidante (às vezes a agilidade mental, força física), o trabalho (profissional), onde antes havia tudo isso. Pensamos culturalmente no envelhecimento, menos como movimento, e mais como um estado em que tudo que era pleno agora se encontra em falta... pensa-se, em nossa cultura, num estado futuro de falta que precisa ser antecipado, mapeado, monitorado, regulado... que precisa ser preenchido... de atividades quaisquer, de cuidados com a saúde, com a alimentação...

Talvez seja assim mesmo, num certo sentido trata-se de uma regulação que tem a ver com o que temos denominado de ‘qualidade de vida’ que se quer para todos, que se quer para o idoso, e que o idoso quer para si, embora pareça que o envelhecimento pudesse ser mais do que isto... Se tal futuro do sentido torna-se necessário, como um operador da ordem, da organização, da segurança frente ao caos do que ainda não é - desviando de uma eventual perda de futuro, como apontado por Morin (2011), e também por Bakhtin (2003) -, contudo não parece que seja suficiente! Por isso, relevam a nossos olhos as opções que seguem, para sair do impasse de futuro.

2. Bergson (1994) enfatiza, como já mencionado, que consciência sempre é também experiência, o lugar onde se apresentam as condições de inadequação entre ação e realidade, gerando a necessidade de novas representações, seja isso no caso da ciência (e tecnociência) em sua exteriorização da ação, ou no da filosofia em seu movimento de interiorização (ou da arte). Deleuze (1997), em atenção a Bergson, opõe a futuro de sentido – que ele designa apenas por futuro – a noção de devir, como saída de princípio: devir enquanto processo que se faz a si no fluxo, em meio à contingência da vida. O autor aponta que o ser em devir em seu processo-de-estar-sendo está continuamente indo ao encontro de uma zona que lhe é indiscernível (este vazio em aberto), embora esta lhe seja sempre vizinha, ou próxima (o próximo passo).

É a consciência que se aventura, durando (pela afetação, pela empatia) na duração do tempo e que, no cruzamento dissonante e tenso entre a ação e a representação bergsonianas, coloca-se no justo entre-tempos do acontecimento, de onde emergem os processos criativos-inventivos de tomadas de decisão que podem lançar às virtualidades do sentido enquanto multiplicidade: e isso, seja na ciência quando da problematização criadora na pesquisa, seja na intuição filosófica de reassunção do ser, ou na ética dialógica e na contemplação ativa – estética (e também intuitiva) - na arte.

Por certo, disparidade, diversidade, imprevisibilidade contingente, caos constituem - pela instabilidade própria desse estado de coisas que se encontram em dissonância dinâmica - condições para emergência contínua de pontos de bifurcação rizomática e de deriva do sentido, demandantes de escolhas inéditas e criadoras de direção e tomadas de posição. Acolher o inédito que se apresenta, confrontar o inusitado que surpreende, afetar-se pelo que difere, é pôr na berlinda, por um momento (talvez louco), o que é costumeiro; é esquecer-se do usual, do que é pragmaticamente útil; é cutucar a emoção (sempre nas fimbrias ignotas do desconhecido); é hesitar, e se arriscar, em direção a esse outro (sempre estranho), em direção a esse desconhecido (sempre em aberto) que vibra em possibilidades: possíveis virtuais ainda incriados, mas latentes, em potência creacional.

Nos processos de envelhecimento, não desconhecemos que o corpo (enquanto matéria encarnada) e o organismo (enquanto mecanismo biológico em funcionamento) se fragilizam, diminuindo o poder de ação e de efetuação da ação exterior – pois ambos

submetidos ao tempo cronológico dos instantes que passam. Contudo, ocorre-me que o voltar-se para um entendimento da vida como fluxo que dura enquanto se renova, como uma continuidade em escoamento que se sempre se recria e se reinventa, como um devir em-constantemente-se-tornando sentido-acontecimento, pode reabrir, para o ser-em-processo-de-ser, o plano virtual de possibilidades: não, talvez, naquilo que concerne ao campo extensivo da ação e/ou da inteligência em expansão, como chega a comentar Beauvoir (1990) em relação às biografias que analisa; mas naquilo que talvez seja antes de tudo um encontro com a maturidade, em seu processo-durando: durando, por entretempos de hesitações e escolhas.

O devir encontra-se sempre entre o que já somos - passado presentificando-se - e o que ainda não somos - presente passando. O devir é sempre encontro, encontro com o inusitado, com aquilo em que estamos nos tornando, com o incompleto em nós, a incompletude à espreita de completar-se, ou seja, de criar-inventar. Eis que, neste processo de intuir-se como ser incompleto espreitando um por vir, o trabalho da intuição - ao abrir algumas brechas de devir no que se apresenta como futuro do sentido e inserir os processos de envelhecimento em um plano de virtualização - poderia produzir um ciclo virtuoso de possibilidades de sentidos em alargamento: as séries 'completude do que já fomos' e 'incompletude do que ainda não somos' não cessam de entrecruzar-se, tensionando as forças da criação e dando a ver a potência em sua multiplicidade pedindo passagem: infinito de futuro, como o definiu Beauvoir (1990)...

E se, de um lado, rugas, alquebramento e gagueira são vestígios do tempo na extensão espacial do corpo, marcas de uma memória de enraizamentos em uma matéria-estado-lugar: a velhice... De outro lado, o envelhecimento como processo em movimento no tempo pode se constituir, no viés da maturidade, em lugar de passagem (mais do que de fixação) para o pensamento criador numa busca mais filosófica de si, na perspectiva de uma estética expressiva, como o observou Bakhtin (2003) em relação a proposta bergsoniana da intuição: tem-se aí uma outra variação do eu-para-mim bakhtiniano, que resiste ao enraizamento que paralisa, disparando em direção a outras possibilidades de sentidos e de vida, flertando com o heterogêneo, a alteridade, outros ritmos, outras cores, outros cenários, outras densidades extensivas, outras intensidades, outras séries...

3. Na abordagem bakhtiniana (2002; 2003; 2012), a arquitetônica dialógica das relações convivenciais se estrutura de modo fluido em torno da dualidade alteritária eu-outro, expressando-se mediante diferentes modos de interação entre os três eixos axiológicos eu-para-mim, eu-para-outro e outro-para-mim. Essa arquitetônica que se estabelece no curso da realidade cotidiana em movimento, no tempo que escoia continuamente, dá conta do mundo ético de como as consciências se relacionam entre si: seja com predominância de um dos eixos sobre os demais – em que uma voz dominante do mesmo não reconhece ou não se interessa pelas vozes do outro em sua diferença e heterogeneidade; seja em busca de equilíbrio tenso e dinâmico, de reconhecimento e legitimação da alteridade (assim como de si mesmo), participantes que são do diálogo polifônico de vozes equipolentes instaurado pela linguagem. O ato ético – que também se traduz em ação, sendo parte integrante do mundo atual-concreto e do viver em processo – sustenta-se no vivenciamento simpático (ou empatia) dos seres em relação polifônica, que é sempre tenso pois intenso.

Considerando o curso de nossa reflexão direi que será em meio à dissonância frente a um outro em sua diferença, a qual provoca uma inadequação nas relações rotineiras de convívio, que mais uma vez se colocará um intervalo abrindo ao vazio e exigindo uma saída ao impasse. Será na busca e no reconhecimento empático do ponto de vista do outro que será possível atualizar o ato ético de legitimação da alteridade, encontro relacional sempre em movimento e sempre inacabado; e que será possível expandir os horizontes de um e outro, em direção a novas possíveis perspectivas acrescidas às de cada um. É nesse plano dialógico-polifônico, por exemplo, que se movimentam os cidadãos da comunidade italiana vivida empaticamente por Pinker (2017), colocando à mostra as relações complexas de natureza intergeracional, enquanto possibilidade de vida (ou de um infinito de futuro como diria Beauvoir).

Encontros entre gerações podem ser encontros de intensidade com o heterogêneo, encontros de intensidade política, ética, estética, filosófica: podem despertar o devir-criança ou o devir-jovem no velho; e o devir-velho na criança, no jovem, no adulto, deixando para trás uma imagem de pensamento presa no centrismo típico ao confinamento entre iguais. É num entre-tempos, que não se trata mais do velho, da velhice, como estados em

falta, mas de fulgurações do envelhecimento, como potência em devir criativo, imagem amorosa de pensamento, da natureza de uma ética do cuidado, da complacência e do respeito com o outro, uma ética de vivenciamento empático que se ancora na escuta e no direito à voz.

O devir-criança ou o devir-jovem no velho pode se constituir como disparação, não de uma infantilização do velho, mas da alegria de ser com o outro, processo de subjetivação reverberando esperança, curiosidade, intuição (de que criança e jovem-adulto ainda são plenos), fazendo vibrar o espectro de escolhas na produção de modos de existência, de uma estética do viver.

4. A estética bakhtiniana (2003; 2012)) é solidária à ética, e também se insere, a meu ver, pelas condições em que se apresenta, justo no cruzamento gerado por determinada inadequação entre a ação e a representação bergsonianas, no fluir do tempo em processo-de-ser, enquanto habitado por seres em relação, mas enquanto efeito de uma operação diversa da consciência.

De um lado, do ponto de vista ético, a ação se pode traduzir, no plano da vida em processo, como ato relacional de aproximação ao outro (mas também de si, mediante a possibilidade de interiorização do eu), que busca compreender-lhe empaticamente as dores e as alegrias que o inscrevem nos processos de viver, os pontos de vista que o animam, assim como o horizonte que lhe dado vislumbrar. De outro lado, representação pode ser pensada como uma operação da consciência, de afastamento exotópico de um eu-para-mim, tanto em relação a si, quanto no concernente ao mundo de um outro-para-mim.

Tal afastamento exotópico da consciência (inserindo-a em um plano virtual) sói produzir uma dissonância entre o aqui-agora da realidade em-processo e uma visada cujo ponto de gravidade se mudou para fora desse tempo-espaço do mundo ético-relacional. Essa operação da consciência, que a constringe à tomada de posição em outro plano mais abrangente, virtual, faz disparar a possibilidade de contemplação ativa (empático-intuitiva e amorosa) do mundo ético (e político), pelo eu exotópico desdobrado como outro, como se eu fora outro. Essa operação gera um excedente de visão em referência a esse mundo concreto dos seres éticos (inclusive o eu) que pode encaminhar à disparação criadora de novos mundos.

É esse movimento complexo em direção ao plano das virtualidades, que confronta o mundo concreto da experiência como um entre outros possíveis, que torna viável chegar ao pensamento estético (e artístico) direcionado desde esse outro plano virtual, de fora de si e do mundo, ambientando conteúdos mundanos em novas realidades e transfigurando-os enquanto os investe de valor axiológico: a estética vale-se da empatia que acolhe e não julga os seres contemplados, e pela contemplação (ativa) os investe de valores axiológicos, sonda-lhes a essência, ou, como diz Bakhtin (2003) perscruta-lhes a “alma”.

O plano estético, ao dar visibilidade a uma totalidade (relativa) axiologicamente mais complexa, ao mesmo tempo, suscita um estranhamento no que concerne ao mundo ético das relações concretas, uma dissonância que incita à criação-invenção. É assim que acaba por lançar a consciência em uma mirada de natureza contemplativa (ativa), em que é dado, a um eu-para-mim em uma nova variação de si, tornar em contemplador-criador e produzir e atualizar, na composição com o mundo concreto, uma miríade de realidades virtuais, assim transfigurando esteticamente os seres contemplados e emprestando-lhes acabamento e conclusibilidade (sempre provisórios, considerada a realidade continuamente em movimento). Desde aí, o exercício de experimentar novos-contatos-linguagens-encontros (i.e. experimentações), pode operar como tática de disparação dos processos intensivos a serem cartografados e atualizados no uso de linguagens expressivas.

A criação-invenção instala-se sempre nesse ponto crítico de inadequação, de tensão, de intensidade perturbadora da consciência em sua duração, lá onde as linhas do real e do virtual se cruzam, produzindo um entre-tempos, com potência para abrir uma brecha nesse tempo do futuro de sentido, pedindo passagem para o devir, para infinito do futuro, numa ode aos encontros com o inusitado e a diferença, às alegrias da plenitude de ser-em-processo nas relações dialógicas, às possibilidades enriquecedoras engendradas pela intuição empática e a contemplação estética. Eis alguns dos fios a compor a tecitura para uma estética da maturidade!

## Referências

AXT, Gunter. Ecos das identidades da velhice: entre Homero e J.M. Coetzee. In: José Outeiral, Adriana May Coutinho, Denise Souza, Stela Maris Vieira dos Santos, Luiza Moura. (Org.). *Amadurecer: ensaios sobre o envelhecimento*. Curitiba: Maresfield Garden, 2013, pp. 45-70.

- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Paulo, Pedro e João, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.
- BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BERGSON, Henry. *O pensamento e o movente*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A intuição filosófica*. Lisboa, Universalia, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro, Delta, 1964.
- BUBER, M. *Eu e Tu*. São Paulo, Centauro, 2001.
- NEVES, Maria do Céu P. Notas do tradutor. In H. Bergson, *A intuição filosófica*. Lisboa, Universalia, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Crítica y Clínica*, Barcelona, Anagrama, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* São Paulo, Editora 34, 1997.
- MORIN, Edgar. O caminho: para o futuro da humanidade. *Fronteiras do Pensamento*, Porto Alegre, UFRGS, 2011. <https://www.fronteiras.com/artigos/21-ideias-edgar-morin-e-a-politica-da-humanidade>
- \_\_\_\_\_. 1968-2008: o mundo que eu vi e vivi. In: Gunter AXT; Fernando SCHÜLER. *Fronteiras do Pensamento: ensaios sobre cultura e estética*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
- PINKER, Susan A importância do contato face a face em nossa era digital, *Fronteiras do Pensamento*, Porto Alegre, UFRGS, 2017.
- [https://www.fronteiras.com/ativemanager/uploads/arquivos/produtos\\_culturais/9b605a2065a23fe17a23b99382acdfc6.pdf](https://www.fronteiras.com/ativemanager/uploads/arquivos/produtos_culturais/9b605a2065a23fe17a23b99382acdfc6.pdf)

## Notas

- <sup>1</sup> Texto inédito que, em algumas passagens, segue orientação de manuscrito (2010) publicado (2013) com circulação restrita ao grupo de pesquisa e aos autores da coletânea – ‘Encontro Clio entre gerações - por uma escuta dos sentidos na maturidade-velhice’. In: José Outeiral, Adriana May Coutinho, Denise Souza, Stela Maris Vieira dos Santos, Luiza Moura. (Org.). *Amadurecer: ensaios sobre o envelhecimento*. 1ed. Curitiba: Maresfield Garden, 2013.
- <sup>2</sup> Professora titular aposentada da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); professora convidada nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Informática na Educação. [maaxt@ufrgs.br](mailto:maaxt@ufrgs.br)
- <sup>3</sup> Ver Gilles Deleuze (1998), filósofo francês, a propósito de Michel Foucault, também pensador francês. Ambos os autores consideram que, na contemporaneidade, estamos em fase de transição, de sociedades disciplinares caracterizadas pelos confinamentos e regulações diretas, para sociedades de “controle”, cuja marca é o “controle contínuo e comunicação instantânea”. Mas ainda somos também uma sociedade disciplinar.

- <sup>4</sup> O filósofo, sociólogo e antropólogo francês Edgar Morin (2011) registra, em sua palestra, que não há por que o pensamento separar o que ocorre junto na vida, constituindo este um dos pilares do pensamento complexo e interdisciplinar.
- <sup>5</sup> Dentre inúmeros exemplos, lembro o da reportagem exibida em 15 de maio de 2019, entrevistando D. Laurinha, que se tornou medalhista na natação, aos 100 anos. <https://globoplay.globo.com/v/7617138/>
- <sup>6</sup> Original *La Vieillesse* publicado em 1970. Este ensaio - que traz, na segunda parte da obra de mais de 700 páginas, reflexões argutas a respeito de observações e vivências registradas, por nomes longevos conhecidos da História (na política, na filosofia, nas artes e nas ciências), em diários, cartas, obras ou depoimentos de amigos e conhecidos - ainda se mantém surpreendentemente atual e educativo.
- <sup>7</sup> Já no Brasil, numa tentativa de reação aos novos ares culturais que por aqui também bafejavam, era editado o Ato Institucional nº5, ou AI5 (dez/1968), de censura às liberdades individuais daqueles que, como os jovens universitários em especial, se organizavam para combater o regime de então, em defesa dos direitos de ir e vir, de dizer e de ser ouvido.
- <sup>8</sup> Bakhtin (2003) realça em sua filosofia a alteridade como conceito fundamental, erigindo uma arquitetônica de três pilares responsável pela dinâmica relacional, em que para além de apreender o meu eu interior em profundidade, seguindo-lhe o movimento, também o faço em relação a um outro: o *eu-para-mim* (voltado à apreensão de minha realidade interior e de como tomo consciência de mim, ao dever-ser comigo e com o outro, do outro em mim, aprofundando-me no ser, lembra o eu da intuição filosófica de Bergson); o *eu-para-o-outro* (voltado ao que espero ser para o outro que reconheço na relação alteritária e de como me projeto ao exterior em referência a ele, esforçando-me por sugerir uma imagem acabada de mim, uma espécie de duplo de mim, que enseja ao outro esboçar a minha “alma”, i. e. definir o que seria a minha ‘essência’, dado o excedente de visão que tem a respeito de mim, em vista de sua posição exterior a mim); o *outro-para-mim* (voltado ao reconhecimento do outro como legítimo, ao meu dever-ser em relação a ele, e de como espero empaticamente alcançá-lo em seu horizonte perspectivado [na busca de um encontro que lembra o absoluto bergsonianiano], podendo olhá-lo, vê-lo, escutá-lo e, mediante excedente de visão que me é dado em relação a ele - ao voltar a minha própria posição perspectivada e contemplá-lo -, dar-lhe acabamento, delineando-lhe a alma). O desdobramento desse outro-para-mim na relação com o eu ensinaria, por interiorização desse outro pelo eu, o *outro-em-mim*, pois tudo o que sou me vem em primeiro lugar desse outro que me recebe no mundo.
- <sup>9</sup> Virtual tem origem na palavra latina *virtus*, que significa força, potência, ou seja, os virtuais são sempre em potência, não-dados, sendo necessário um trabalho da consciência (mediante a ação da inteligência ou da intuição) para que este virtual emerja e se atualize concretamente.
- <sup>10</sup> Na abordagem bakhtiniana (2002), invenção e criação não se recobrem mutuamente: a invenção traz em si a potência e a marca da criação, essa força geracional ou creacional que, não obstante, segue um *script*, submete-se a uma estrutura... Depreende-se desse autor que a novidade, quando se trata da criação, dar-se-ia ambientada desde um interior estruturado ou roteirizado, o processo criativo manifestando-se expressivamente no âmbito de um território organizado, como o da escrita (literária ou não), o da pintura, o da música, o da interpretação etc (por exemplo, seguem-se normas específicas e estritas para escrever um romance, ou compor uma sinfonia, mas, na sequência, o encontro inusitado com matérias do exterior pode dar origem a personagens e a conteúdos surpreendentes, e até a novas formas); a invenção, nesse entendimento, sendo resultado de um encontro entre processo creacional interior e matérias exteriores que advêm sobre, ou sobrevêm, seria imprevisível quanto a determinado resultado em relação a determinado território a ser ocupado.
- <sup>11</sup> Em Bergson, uma representação se dá na consciência e é sempre efeito de uma hesitação-escolha, sendo sempre, nessa medida, também criação-invenção, pois, de fato, não se trata de opção ou escolha do que já está disponível, trata-se antes da escolha inusitada de uma direção ou de um sentido a serem ainda realizados [caminante, no hay camino, se hace el camino al andar, como tem sido repetido à exaustão].
- <sup>12</sup> Mesmo o tempo, a exemplo do tempo cronológico, pode ser espacializado, e assim dividido e homogeneizado. O mesmo não se pode fazer com o tempo intensivo, da ordem das emoções, das lembranças, das virtualizações e das durações.